

**19 de setembro de 2001**

Discussão final sobre livro *O inconsciente: uma análise conceitual*, de Alasdair MacIntyre.

Apresentou-se os dois últimos capítulos do texto, “Descrição e Explicação” e “Teoria e Terapia”. Falar de inconsciente em geral é, segundo MacIntyre, um exercício metafísico e uma tentativa de generalização que se acha além dos limites da ciência. O conceito de inconsciente tem poder de sedução por permitir a constituição de uma teoria unificadora do estudo do comportamento humano. Tomando a física como modelo, a psicologia procura ser bem sucedida na tarefa de explicar o ser humano. No âmbito estrito da neurofisiologia e dos processos neuroquímicos do sistema nervoso este modelo produz resultados satisfatórios, contudo, ela parece ser incapaz de apreender a especificidade da ação humana. Os textos freudianos não se resumem, entretanto, a esta teoria explicativa. Haveria também um esforço de descrição do comportamento humano, presente quando Freud utiliza o termo “inconsciente” como adjetivo ou advérbio.

MacIntyre submete a intencionalidade a duas interpretações distintas. Na primeira, refere-se à busca consciente de um propósito; na segunda, a um propósito que é obscuro para o sujeito que age. Freud, ao recorrer à segunda, teria confundido a noção de intencionalidade inconsciente com a noção de causalidade, em que este remete ao domínio da explicação e aquela ao da descrição. O autor parece ter partido da seguinte tese que é falsa: a motivação inconsciente, para Freud, estaria restrita aos processos patológicos. Não seria contraditório assumir a um só tempo que os processos normais derivam dos patológicos e que somente os sujeitos neuróticos possuiriam motivações inconscientes? Comentou-se também que não há distinção entre explicação e descrição em Freud, como sugere MacIntyre, ainda que haja contradições em certos pressupostos freudianos. Neste sentido, o uso adjetivo ou substantivo do termo inconsciente seria indiferente do ponto de vista de Freud.

O debate deslocou-se para a relação entre teoria e terapia e para a concepção de MacIntyre de que a clínica prescindiria da metapsicologia. O grupo remeteu ao perigo desta concepção que se concretiza em analistas que acreditam que a clínica se faz por meio da própria clínica e que consideram, portanto, que a observação pode ser realizada sem um referencial teórico. Em contrapartida, para os analistas que procuram fundamentar sua prática teorizando sobre ela, a explicação não pode ser dispensada. Apontou-se como um erro grave nos cursos de Psicologia a falta de rigor conceitual entre os supervisores, que parecem deixar a cargo dos sentimentos suscitados nos alunos por seus pacientes as concepções clínicas e os rumos dos tratamentos para cada caso. Considerou-se imprescindível para a defesa da psicanálise que ela não seja despida do seu lado explicativo, tornando-se mera compreensão.

Observou-se, ainda, que as relações entre teoria e observação postuladas por Stuart Mil podem ser esclarecedoras para o pensamento freudiano. Teoria e observação implicar-se-iam diretamente: a observação verificaria a teoria ou imporá a ela mudanças todas às vezes que não estivesse em consonância com os quadros teóricos. Clínica e metapsicologia possuiriam a mesma relação: a primeira verificaria e a segunda, em face de alguma discordância, imporá mudanças a mesma.

Ao final da discussão, as hipóteses fundamentais de MacIntyre apresentadas no último capítulo, “Teoria e Terapia”, foram retomadas por Jefferson P. de Almeida. Entre elas destacam-se fundamentalmente três: a validade de uma teoria psicológica independe de sucessos ou fracassos terapêuticos; como a teoria possui uma função meramente descritiva, a clínica pode prescindir da metapsicologia e, por fim, a teoria cumpre uma função explicativa.

Para o próximo encontro optou-se pela leitura do primeiro capítulo de *Lacan in Contexts*, de David Macey.